



## **MUSEU FAMILIAR: A IMPORTÂNCIA DOS OBJETOS COMO PATRIMÔNIO PARA O GUARDIÃO DE MEMÓRIA**

MICHELON, Francisca Ferreira  
*Professor do PPGMP-UFPEL*  
*fmichelon.ufpel@gmail.com*

SCHNEID, Frantieska Huszar  
*Estudante de mestrado do PPGMP-UFPEL*  
*frantieskahs@gmail.com*

1

### **RESUMO**

O presente artigo aborda reflexões acerca do patrimônio como herança, busca-se apresentar uma relação dos museus ou memoriais familiares com os guardiões de memória. Ao longo de sua trajetória, o indivíduo apegar-se à objetos, que acabam sendo uma conexão entre as pessoas da família. Estes objetos relacionados à memória rodeiam o indivíduo e fazem parte de sua história de vida. Esta relação dos objetos com o passado e os elos de ligações entre gerações futuras será analisado neste artigo, no qual busca abordar discussões acerca do que chamamos de museus ou memoriais familiares. Será abordado aqui o conceito do *Guardião de Memória do Museu Familiar*, bem como seu papel de resguardar objetos que servirão de elo para as gerações futuras.

**Palavras-chave:** Museu familiar; Objetos como patrimônio; Guardião de Memória.

### **FAMILY MUSEUM: THE IMPORTANCE OF OBJECTS AS A HERITAGE FOR THE GUARDIAN OF MEMORY**

### **ABSTRACT**

This article discusses some reflections on heritage as a bequest, we seek to present the relation between museums or family memorials as memory keepers. Throughout its history, the individual grips to objects that end up being a connection between the family members. These objects related to memory, surround the individual and are part of his life story. This connection between objects from the past and the link of it for the future generations is what will be analyzed in this article, which seeks to discuss about what we call museums or family memorials. Will be addressed here the concept of the Memory Guardian of Family Museum, as well as its role of protecting objects, which serve as a link to future generations.

**Key-words:** Family museum; Objects as equity; Memory Guardian.



## 1. INTRODUÇÃO

A palavra patrimônio vem do latim *patri* (“pai”) e *monium* (“recebido”), ou seja, aquilo que provem dos pais. Inicialmente era ligada ao sentido de herança, atuando como nexo entre gerações, ligando o passado ao presente. O patrimônio como herança, inclui bens materiais e imateriais. Como diz Tornatore:

O patrimônio também consiste nos objetos e nas capacidades criativas, estilos de invenção; o patrimônio são as “artes de fazer” (CERTAU, 1990) Que possuem a particularidade de fazer retornar as coisas do passado para inventar um futuro – um passado celebrado é um passado que se torna factível para o futuro (TORNATORE, 2010, p. 20).

Ao longo de sua trajetória, o indivíduo apega-se a objetos, que acabam sendo uma conexão entre as pessoas da família, muitas vezes herdados pelas gerações mais novas. Estes objetos relacionados à memória, são chamados de biográficos, um conjunto de objetos que rodeiam o indivíduo e fazem parte de sua história de vida.

São os objetos que apresentam as características e particularidades de cada cultura. Meneses (1998, p. 90) afirma que “... as naturezas físicas dos objetos materiais trazem marcas específicas à memória”. Levanta-se no passado o fiel, o objeto que representa uma cultura e a partir deles, seja uma escova de cabelo, uma panela ou um casaco, que se pode “aferir o potencial, reconhecer a vocação e descobrir os valores mais autênticos de uma nacionalidade” (FALCÃO, 1995, p. 24).

Esta relação dos objetos com o passado e os elos de ligações entre gerações futuras que será analisado neste artigo, no qual busca abordar discussões acerca do que chamamos de museus ou memoriais familiares. Aqui serão refletidos não bens da esfera pública que demandam de serem catalogados, preservados e disponíveis ao público, mas sim um acervo pessoal, privado, com objetos de família.

Sendo museu um local de pesquisa, preservação, comunicação das memórias, pode-se afirmar que as famílias que possuem estes locais próprios de guarda de bens procuram evitar o esquecimento. Nestes recintos estão guardados objetos e documentos e toda a memória/tradição de uma família. Segundo Kellerhals e outros:



[...] a organização familiar reflete igualmente o peso do passado. Os papéis familiares devem procurar combater o esquecimento através da glorificação ou simplesmente da crônica dos factos passados. De um lado, o papel do ‘mestre de cerimônias’, que reúne os membros da parentela em torno de rituais que recapitulam a narrativa dos acontecimentos fundadores. E, de outro lado, o papel do ‘guardião da memória’, que se encarrega da preservação dos traços – escritos, orais, materiais – do passado familiar (KELLERHALS et alli, 2002, p. 553).

Ao falar de museu ou memorial, não significa apenas os locais organizados, catalogados e preservados. Não as instituições abertas ao público, mas todo e qualquer lugar onde são depositados objetos ou herança, acervo basicamente formado de “quinquilharias” que pertencem a membros de uma família, não necessariamente com valor monetário, porém com muito valor sentimental. Cada objeto está muito carregado de uma simbologia e uma história de imensa relevância para os membros pertencentes de tal família.

Certeau (2009, p.190) introduz o tema patrimonial referindo-se ao patrimônio como fantasma. Sobressai em seu texto o aspecto intangível preservado a partir da cultura material. O autor afirma que as práticas patrimoniais estão sempre associadas a práticas de colecionismo, e as políticas museológicas à ideia de “tesouros”. Desse modo, o autor salienta a questão do valor subjetivo agregado aos objetos que se busca preservar do desaparecimento. Com relação à atribuição de valor aos bens, Certeau chama atenção para a tendência das práticas patrimoniais em adotar critérios de seleção pautados na excepcionalidade do bem.

Para Halbwachs (*apud* Caixeta, 2006, p. 161),

a tarefa de guardar, é também uma tarefa criativa, de construção de ‘museu da família’. Através dele, as famílias podem encontrar suas histórias e os objetos que fizeram parte de sua construção e construir novos significados para si-mesmos e para o próprio grupo.

Aqui será apresentado um recorte de uma dissertação de mestrado, intitulada *Fotografias de casamento: memórias compartilhadas a partir de acervos pessoais*. Busca-se refletir a prática de guardar objetos, em especial fotografias e entender de que maneira a imagem fotográfica é enquanto suporte capaz de informar sobre o passado, participar ativamente do processo de construção e consolidação da memória coletiva. Porém as fotografias são mudas, elas sozinhas não informam sobre o momento ali retratado, por isso conjuga-se com relatos orais para resgatar a trajetória histórica de grupos sociais específicos. Se



por um lado a imagem é incapaz de enunciar, por outro, com breves informações (evento, local, ano), a imagem adquire voz e narra, com alguma convicção.

A figura central desta pesquisa é a guardiã do acervo destes objetos, Tereza da Silva Schneid de 86 anos. Ela guarda a coleção da família e assume a responsabilidade de atuar em nome da memória do grupo, definindo quais as fotografias e objetos serão guardados e de que maneira este acervo vai sendo reformulado, incorporando novos materiais e descartando outros, selecionando imagens que testemunhem a trajetória familiar.

Neste artigo serão apresentados quatro objetos deste acervo, todos eles relacionados à fotografia e sua utilização como suporte de memória. A imagem 1, ilustra um porta-retrato antigo com a foto da guardiã Tereza da Silva Schneid, seus irmãos e uma prima. Tereza guarda esta fotografia desde sua infância, todos os retratados já faleceram, permanecendo apenas ela – menina em pé com chapéu. Após a morte de sua irmã mais nova, a última ainda viva neste retrato, Tereza se desfez deste objeto passando para a neta mais nova, autora deste artigo. Pode-se afirmar que a fotografia aqui serve para que a memória familiar não caia no esquecimento.



Imagem 1: Porta-retrato do museu familiar  
Fonte: Acervo da pesquisadora

## 2. PENSANDO OS OBJETOS COMO PATRIMÔNIO

Para pensar um objeto com patrimônio, se faz necessário pensar no sentido da cultura material, que é o “estudo, por meio de artefatos, das crenças-valores, ideias, atitudes e



convicções – de uma comunidade ou sociedade particular, em um dado momento” (PROWN, 1982, p. 1). Assim sendo, cada objeto traz consigo não apenas a capacidade de criação de seu autor, mas especialmente, as concepções e os valores de quem adquiriu e usou, consequentemente, da sociedade na qual está inserido.

Um objeto só se torna documento da cultura material quando é preservado, colecionado ou guardado por alguém que atribui nele uma carga sentimental. Existem diversos motivos para se colecionar um objeto obsoleto e arcaico: talvez seja por legitimidade, excentricidade, preciosidade ou por serem difícil de imitar, copiar, plagiar; por serem verdadeiros tesouros transmitidos. Aspira-se guardar o caro, rico, precioso, impagável, poderoso e desconsiderar o contrário destes sinônimos.

Todos os objetos pertencentes a uma coleção, seja ela pública ou privada, estão lá por algum propósito e sob deliberação de alguma pessoa, um colecionador. O hábito de colecionar objetos é uma prática das pessoas que enxergam valor atribuído no aglutinamento de conhecimento. Não é um apego material, mas sim simbólico, de objetos com fortes cargas memoriais que serviram e ainda servem de lugares de memória dentro das famílias na qual pertencem, objetos que fazem parte da construção da identidade dos indivíduos inseridos dentro destas famílias.

A imagem 2, apresenta um broche com a fotografia das Bodas de Prata dos pais da guardiã. Acessório usado pela sua mãe, até o fim de sua vida e herdado por Tereza após seu falecimento. Mais uma vez prova que fotografia e memória estão intrinsecamente ligadas: uma por se tratar da lembrança do real e a outra por apresentar provais de tais lembranças.



Imagem 2: Broche do museu familiar  
Fonte: Acervo de Tereza da Silva Schneid



### 3. Guardião de memória do Museu Familiar

A transmissão de memórias e mesmo de objetos não começa sozinha. Essa política de guardar objetos ou lembranças, sempre ocorreu como nos casos dos primeiros museus, na antiguidade. Será abordado aqui o conceito do *Guardião de Memória do Museu Familiar*, bem como seu papel. Esta figura é o personagem-chave que permeia essa pesquisa sobre museus familiares. Reinhardt (2002, p. 36) afirma que o guardião ou “narrador da memória familiar é a figura fundamental para se compreender [as] marcas visíveis do passado ou ‘museus de família’”.

Para tratar deste assunto, será usado o exemplo da guardiã do acervo de uma pesquisa em andamento que investiga fotografias de casamento no período compreendido entre 1940 a 1969. A investigação almeja constatar como o registro da imagem permite que famílias armazenem durante décadas fragmentos capazes de constituírem-se como um lugar de memória. Porém aqui não serão aprofundadas as fotografias de casamento em si, mas o papel da detentora deste acervo.

O ato de fotografar fixa de tal maneira na construção das memórias familiares que é impossível falar do passado sem ter como incentivo as fotografias. Com o intuito de preservação do passado surge dentro das famílias o papel do guardião de memórias. Segundo Mauad (2001, p. 158) “este personagem, além de organizar as fotografias em álbuns, ou simplesmente guardá-las em caixas, é o depositário de muitas histórias”.

Schapochnik nos diz que:

Embora o guardião da iconoteca familiar se esforce para preservar o acervo e imprimir uma lógica no seu ordenamento, algumas peças podem ser perdidas, outras podem ser acrescentadas e, ao fim e ao cabo, a sua própria morte propiciará uma redistribuição e a “invenção” de uma nova crônica familiar. (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 463)

No grupo familiar Barros (1989, p. 34) destaca a figura do guardião ou guardiã, aquela pessoa escolhida para cuidar e transmitir a memória familiar do grupo, “o papel do mensageiro da memória ou do narrador é desempenhado, em um caso, pelos avós e, em outro pelo que denominei de guardião da memória familiar”. A mesma autora nos fala do papel, direito e obrigação do guardião dentro do grupo familiar:





não é uma motivação individualizada que leva o colecionador a procurar, investigar, encontrar e conservar seus bens preciosos. Ele está imbuído de um papel que lhe confere o direito e também a obrigação de cuidar da memória do grupo familiar (1989, p. 33).

Para Halbwachs *apud* Barros (1989, p. 33)

transmitir uma história, sobretudo a história familiar, é transmitir uma mensagem, referida, ao mesmo tempo à individualidade da memória afetiva de cada família e à memória social mais ampla, expressando a importância e permanência do valor da instituição familiar.

7

Caixeta (2006, p. 44) na sua tese de doutorado intitulada “Guardiãs da memória: tecendo significações de si, suas fotos e seus objetos”, nos diz que “este papel é assumido pelos idosos da família, especialmente, os avós que são o elo vivo entre as gerações e os significados que eles ‘guardam’ são constituídos ao longo da sua historicidade no convívio com os outros”.

Gomes (1996, p. 7) define guardiã de memória:

(...) é um ser ‘narrador privilegiado’ da história do grupo a que pertence o sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda/possui as ‘marcas’ do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é ‘coleccionador’ dos objetos materiais que encerram aquela memória.

Pereira *apud* Caixeta (2006, p. 44) complementa este conceito, falando que:

Durante todas as suas vidas [essas mulheres guardiãs] selecionaram e guardaram fotografias e cartões-postais, cartas e bilhetes, convites de batizados, lembranças de aniversário, “santinhos” de missa de 7º dia, broches, relógios, bibelôs, moedas e algumas cédulas, cachinhos de cabelo amarrados por fita, medalhinhas de santos, enfim, pequenos objetos de memória que foram sendo depositados em caixas, na qual denominei caixinhas de lembrança.

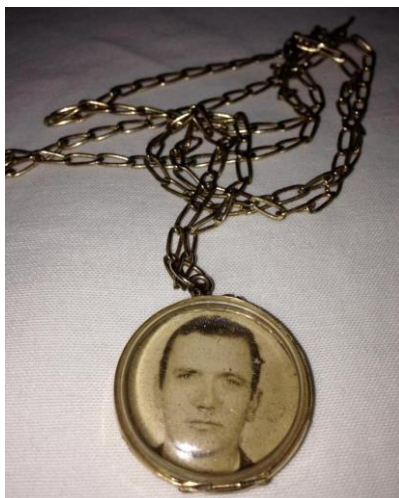


Imagem 3: Caixa de relógio transformado em pingente com fotografia  
Fonte: Acervo de Tereza da Silva Schneid

Na imagem 3, aparece um colar de Tereza, objeto que ela transformou em relicário e usou junto consigo durante muitos anos. Inicialmente era um relógio que a guardiã havia ganhado de sua madrinha, após anos de uso o relógio parou de funcionar e Tereza, então viúva, transformou-o em um pingente para colar que pudesse carregar consigo a primeira fotografia que tinha ganhado de seu marido ainda na época do namoro dos dois. Perrot (1989) nos fala deste tipo de objeto referindo-se a aprisionamento do rosto da pessoa amada. As impressões que ficam marcadas na memória são as que foram produzidas pelos sentidos. Como a visão é a mais sensível e a que mais registra, recorre-se a imagem para conservar a lembrança.

Além das fotografias, teve-se contato com outros materiais, tais como anotações sobre a família feito por membros do grupo, cartões postais, santinhos trocados por ocasião de eventos religiosos, carteira de serviço militar, pedaço de renda retirado de um vestido de noiva, medalhas, terços e pingentes com fotos... Enfim, objetos transmitidos por herança, testemunho dos “quadros sociais” da história familiar e coletiva, como afirma Halbwachs (2004).

Silva (2008, p. 18) fala dos objetos que são acrescentados aos álbuns de família:

O álbum é arquivo, um dos mais inquietantes da vida privada, e funciona como técnicas que lhes são próprias, idealizadas de modo espontâneo por seus usuários com o passar do tempo. Logo, o álbum é fotografia, pois esta o fundamenta; trata-se de uma imagem mecânica, moderna, entendida popularmente como reprodução, quando é apenas marca de um objeto real que lhe deu luz, e esse processo é fascinante, mas deve ser explicitado. Por fim, o álbum conta histórias, mas não somente sobre fotos, pois a ele são acrescentados outros objetos: cartões, lembretes, gotas de sangue, mechas de





cabelo, unhas de mãos e marcas de pé. Em sentido literal, o álbum é um pedaço de nossos corpos.

O papel do guardião não é apenas o de guardar fotografias que servirão de suporte de memória familiar, mas também tem a obrigação de contar as histórias de cada uma delas, fazendo o passado permanecer vivo entre os membros mais jovens. Faz parte também da função do guardião não apenas a conservação das fotos, mas também sua seleção, que servirão de guia aos visitantes desse museu particular, com peças expostas em álbuns, nas paredes e móveis. Segundo Barros (1989, p. 38) “esta narrativa é criada com um acervo de fotos esparsas, vindas de tempos e lugares diferentes e, quando decifrada, não se assemelha a nenhuma outra”. A autora continua “a narrativa que envolve estas fotos reúne as múltiplas facetas da vida, englobando-as, dando-lhes uma face mais completa, mais homogênea e menos efêmera” (BARROS, 1989, p. 41).

Armando Silva em seu estudo sobre álbum de família destaca três resultados importantes, são eles:

A importância do papel da mulher – avó, mãe, tia, filha ou irmã- em sua construção fotográfica e no relato oral de suas histórias familiares para concluir que se trata de relatos visuais contados com vozes de mulher; o aparecimento de objetos diversos às fotos que são colados nos álbuns, desde umbigos de recém-nascidos até fragmentos de tecidos da roupa de familiares mortos, ou pedacinhos dos bolos de casamento que mandam a suas mães ausentes pelo correio, ou seja, o álbum guarda “restos” das famílias, e, nesse sentido, é depositário de fetiches familiares; e, por último, o álbum não só mostra ritos sociais, casamentos, batizados, nascimentos, passeios, cerimônias, mas também os produz a sua maneira: por isso, não é estranho que a primeira comunhão apareça em suas fotos como o rito mais idealizado, calcando a menina os passos do casamento das mais velhas, que assim se antecipa visualmente em sua importância e solenidade (SILVA, 2008, p. 11-12).

São inúmeras as motivações que levam o guardião da memória familiar iniciar sua carreira. Alguns momentos da vida são propícios para o início deste ato tão importante no meio familiar e todos eles são tomados na busca pelo resgate da memória. Talvez o maior motivo seja a perda de alguém querido, seja a mãe, filho, marido... busca-se refazer a história de anos de convívio, revivendo o passado familiar.

É importante salientar o papel feminino como mantenedora das lembranças familiares, preservando, reorganizando, catalogando as fotos, a memória fotográfica da família. Essa



memória que ajuda a dar sentido à nossa existência, compreender melhor quem somos. O papel de mantenedora de acervos familiares era atribuído às mulheres, que encarnam emoções, e portando mais afetivas à preservação dos valores permanentes e familiares propiciados pela imagem fotográfica. Perrot afirma que:

No século XIX, a coleção, mais ainda a bibliofilia, são atividades masculinas. As mulheres se dedicam à matéria mais humilde: à roupa e aos objetos, bugigangas, presentes recebidos por ocasião de aniversário ou de uma festa, bibelôs trazidos de uma viagem ou de uma excursão, “mil nada” povoam as cristaleiras, pequenos museus da lembrança feminina. As mulheres têm paixão pelos porta-jóias, caixas e medalhões onde encerram seus tesouros: mechas de cabelo, jóias de família, miniaturas quem antes da fotografia, permitem aprisionar o rosto amado. Mais tarde, fotografias individuais ou de família, em porta-retratos ou em álbuns, esses herbários da lembrança, alimentam uma nostalgia indefinidamente declinada. Álbuns de desenhos ou de cartões-postais memorizam as viagens. [...] Essas práticas implicam na ideia da capitalização do tempo, cujos instantes podem ser revividos pela rememoração, reencenados como uma peça representada sem cessar. [...] A memória feminina, assim como a escrita feminina, é uma memória familiar, semi-oficial. [...] Assim, os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória. [...] é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo, os quais elas foram de alguma forma delegadas por convenção e posição. Às mulheres cabe a transmissão das histórias de família, feita frequentemente de mãe para filha, ao folhear álbuns de fotografias, aos quais, juntas acrescentam um nome, uma data, destinados a fixar identidades já em via de se apagarem (PERROT, 89, p. 13-15).

Susan Sontag (1981) refere-se à Walter Benjamim, abordando o papel do colecionador que passa a ser aquele indivíduo empenhado num trabalho devoto de resgate, escavando seus fragmentos mais seletos e emblemáticos. Pomain define o conceito de coleção:

[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades preparado econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado para esse fim, e exposto ao olhar do público. (POMAIN, 1984, p. 53)

No presente estudo a guardiã da memória familiar reúne fotografias isoladas e reunidas em álbuns de família, com o sentimento de reunir um dos mais preciosos lugares de memória familiar. Segundo Schapochnik (1998, p. 460):



O papel desempenhado pelo guardião se assemelha ao de um dublê de arquivista, que reúne e atribui uma ordem de pertinência ao acervo, de curador, que decide quais as imagens deverão passar à condição de objetos decorativos ou peças de exibição sob a forma de retratos emoldurados nas paredes ou de ornamento sobre as peças do mobiliário, de *marchand*, que determina a distribuição e circulação do espólio da memória fotográfica familiar, e, ainda, de guia de visitantes de exposições, legendando os retratos da família por meio da doce arte da narrativa.

A guardiã do acervo Tereza da Silva Schneid é a descendente responsável pela coleção, conservando, selecionando e classificando o material, bem como é a narradora da história da família reconstituindo o passado a partir das imagens. Contribui com a pesquisa analisando as fotografias, identificando os objetos e narrando as memórias de cada um deles. Não fala-se apenas de uma memória individual, mas como explicita Maurice Halbwachs *apud* Mylius e Eckert (2000, p.2):

... se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo... Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

Segundo Barros (1989), a análise de família permite observar como um determinado grupo social representa suas experiências e as classificam a partir do momento em que escolhem o que vai ser fotografado e o que vai ser guardado, constituindo o acervo do guardião da memória. Pode-se concluir até o presente momento, que a fotografia enquanto instrumento possibilita à guardiã acionar a memória do grupo, contando a história familiar deste.

Nesta acepção, a fotografia é o objeto por excelência a tornar material o instante intangível que se perde no tempo. A função de registro da imagem fotográfica acentua a sua característica rememorativa no ato de materialização do instante efêmero. Portanto, todo objeto escolhido cumpre a função rememorativa como suporte de memória, objetos nos quais a vida deixou seus registros de forma simbólica e que só fazem sentido para a pessoa da memória que lhes dá valor.

Pode-se notar que quem guarda objetos ou documentos, não necessariamente sabe que está criando uma coleção, museu ou memorial familiar. A maioria das pessoas arruma seus



arquivos e objetos “para ver sua identidade reconhecida”. (ARTIÈRES *apud* TANNO, 2007, p. 05). Uma forma de se preservar para um futuro ou para alguém que ainda nem está presente.

Kellerhals *et alli* (2002) abordam a transmissão familiar a partir de mecanismos e nos dão ideia de como eles funcionam. Para eles:

[...] os mecanismos de transmissão familiar que participam na construção das identidades podem ser definidos enquanto processos que articulam três componentes principais: [...] os *referenciais*, que permitem aos indivíduos orientarem-se e posicionarem-se no espaço social; [...] os *transmissores* – ou práticas coletivas -, através dos quais a família mobiliza os referenciais; [...] os atores, cujos modos de estruturação e de organização influenciam de maneira importante as configurações familiares, assim revelando os mecanismos de transmissão (KELLERHALS *et alli*, p. 546-547).

12

Todo esse mecanismo move o universo familiar e os modos e meios de transmissão das memórias familiares, sendo os museus e memoriais construídos por famílias, lugares de memória como denomina Pierre Nora. Para ele o mundo moderno precisou criar “lugares de memória”, arquivos, museus, monumentos por que houve uma ruptura com o passado, com a forma natural de rememorar, transmitida pelos grupos. “Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p.7). Joël Candau afirma que “um lugar de memória é um lugar onde a memória trabalha, o que mostrou Halbwachs em relação aos santos lugares” (CANDAU, 2011, p. 157). Os “lugares de memória” explanam a vontade de retorno a ritos que caracterizam os grupos, o desejo de busca do grupo que se auto-reconhece e se auto-diferencia, o movimento de regate de sinais de *appartenance* grupal. Lugar de memória é a história que ainda tem restos de memória.

Jean-Louis Tornatore fala dos lugares de memória de Pierre Nora:

A proliferação patrimonial e memorial caracterizaria o “momento-memória”, inaugurado de acordo Pierre Nora nos anos 1970-1980. Todo o saldo conclusivo dos Lugares de Memória por seu promotor se destina ressaltar, senão fundar, a associação de termos, como traços específicos de nosso tempo: o impulso memorial se exprime na explosão patrimonial ao preço da alteração da noção (TORNATORE, 2010, p. 16).

Hartog *apud* Tornatore complementa falando da relação do patrimônio com o passado:

Se o patrimônio celebra o passado, é menos o passado e sim sua presença, isto é, a maneira pela qual as coisas do passado nos são apresentadas, a maneira



pela qual os coletivos se organizam a presença do passado como modalidade de consciência de si e “ser no tempo” (TORNATORE, 2010, p. 19).

Retomando aos guardiões, podemos fazer uma associação com o passado representado e sua ausência dentro das famílias – falecimento dos avós – assim sendo, surgem os novos “vigilantes” da memória. São eles que:

[...] tomam para si a tarefa de preservar os arquivo da memória familiar [...], [seja em] caixas nas partes mais altas dos armários, álbuns nas estantes do escritório, envelopes e papéis empilhados dentro de gavetas, pacotes cuidadosamente amarrados com barbantes e guardados em cômodas pesadas [...] (BARROS, 1989, p. 37).

Esta nova figura, agora atua quase como um museólogo, preservando tudo o que remete fisicamente a sua família (de móveis a cartas de amor, passando por fotografias, álbuns, armas, etc.). Zinani *apud* Crestani (2011, p. 28-29) nos fala que este personagem usa “uma estratégia de esconder e expor, um jogo de apresentação pública e preservação da intimidade familiar. [...] Todos [...] preservados e reunidos, compondo um pequeno museu”.

A imagem 4, mostra um quadro que está fixado em uma das paredes da casa da guardiã, é uma fotografia<sup>1</sup> dos filhos de Tereza de 1955.



Imagem 4: Quadro com montagem de fotografias  
Fonte: Acervo de Tereza da Silva Schneid

<sup>1</sup> Segundo a guardiã, a fotografia original era em branco e preto e posteriormente colorida pelo fotógrafo em seu atelier.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, decidi-se por não usar a classe patrimônio cultural, pois o desdobramento da pesquisa ressaltou a ausência da categoria cultural no segmento estudado. Assim sendo, a palavra patrimônio que aqui se apresenta está diretamente vinculada aos afetos íntimos, individuais e familiares.

Compreende-se que, na maior parte das vezes, a categoria patrimônio não é associada à ideia de herança, com uma atribuição de valor econômico. Contudo, pode-se pensar no patrimônio enquanto atribuição de valor, nos objetos na qualidade de suportes de identidade, selecionados a partir de um ponto de vista afetivo. Objetos que assumem simbolicamente a posição de monumento de resistência ao esvaziamento, pensando a memória e os objetos de memória como monumentos à personalidade, a favor da identidade pessoal, resistência contra o esquecimento e contra o silenciamento.

Desta forma, além de objetos de valor afetivo, esses elementos aglutinadores do tempo podem ser considerados, como Allan Radley (1994) propõe, objetos de uma coleção pessoal, de cunho biográfico. Não só pelo fato material como foram escolhidos, mas por efluir a certeza de terem estado presentes em diversas fases da vida da pessoa.

Assim, são as próprias lembranças que tomam o lugar de patrimônio, bem como objetos pessoais que mantêm vivas e próximas as experiências marcantes do passado das famílias. Nesse contexto, é possível pensar os objetos como uma coleção familiar, que caracteriza o seu maior patrimônio simbólico ao desempenhar uma função altamente afetiva, compartilhada pelos membros. Esses objetos biográficos definem-se como testemunhos de passado vivido.

Por fim, afirma-se que o patrimônio seja algo preservável e transmissível, vinculado a partir das emoções e da afetividade. É provável que com a negativa de um patrimônio cultural coletivo se configure a preservação de um patrimônio individual afetivo inserido em um suporte de memória importante, como a família.

#### REFERÊNCIAS

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. *In: Estudos Históricos*. v.2, n.3, Rio de Janeiro, 1989, p.29-42.





CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce e PIERRE Mayol. *A invenção do cotidiano: 2 Morar, cozinhar*. Tradução: Lúcia Endlich Orth. 9ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

CAIXETA, Juliana Eugênia. *Guardiãs da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos*. Brasília, 2006. Tese (doutorado) do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, 2006.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CRESTANI, Letíssia. *Abrindo o baú: museus familiares e a guarda de reminiscências*. Porto Alegre, 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, 2011.

FALCÃO, Joaquim A. A política cultural de Aloísio Magalhães. *In: E triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Coleção Museu, memória e Cidadania, 2007.

GOMES, Angela de Castro. *A história da arte*. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Traducción: Manuel A. Baeza y Michrl Mujica. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad de Venezuela, 2004.

KELLERHALS, Jean; FERREIRA, Cristina; PERRENOUD, David. Linguagens de parentesco: lógicas de construção identitária. *In: Análise Social*, v. 163, Portugal, 2002, p.545-567. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/?no=101000100025> Data de acesso: 03/12/2013.

MAUAD, Ana Maria. Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares. *In: Projeto História*, n.22, São Paulo, jun. 2001, p.157-169. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10734> Data de acesso: 16/08/2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *In: Estudos Históricos*, vol.11, n. 21, Rio de Janeiro, 1998. p.89-103

MYLIUS, Leandra. *A imagem que permanece, a narrativa que interpreta: estudo antropológico da memória afetiva da guardiã dos retratos de família*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *In: Projeto História*, (10), São Paulo, dez. 1993, p.7-28

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. *In: Revista Brasileira de História*, v.9, nº18, São Paulo, ago/set. 1989, p. 9-18.



POMIAN, Crzyztof. Coleção. *In: Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 51-86

PROWN, Jules David. Mind in matter: an introduction to material culture theory and method. *Winterthur Portfólio*, vol. 17 nº1, spring, 1982, p. 1-19.

RADLEY, Alan. Artefacts, Memory and a Sense of the past. *In: Middleton*, David and EDWARDS, Derek. *Collective remembering*. London: Sage Publications, 1994.

REINHARDT, Juliana. A memória através do pão. *In: Histórias Unisinos*, número especial, São Leopoldo: Unisinos, jul./dez, 2002, p. 101-118.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. *In: NOVAIS*, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1998. v. 3, p. 457- 489.

SILVA, Armando. *Álbum de família: a imagem de nós mesmos*. Tradução: Sandra Martha Dolins. São Paulo: Editora Senac: Edições SESC SP, 2008.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Tradução: Joaquim Paiva. Rio de Janeiro, RJ: Arbor, 1981.

TANNO, Janete. Os acervos pessoais: memória e identidade na produção e guarda de registros de si. *In: Patrimônio e Memória*. v.3, n.1, São Paulo: UNESP/FCLASs/CEDAP, 2007, p.101-111.

TORNATORE, Jean-Louis. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas das relações com o passado. *In: Revista Memória em Rede*, v.1, n.1, Pelotas, dez. 2009/ mar. 2010, p. 7-21.